

Comunicação Epistemologia Retórica

Communication Epistemology Rhetoric

Lucrécia D'Alessio Ferrara

ldferrara@hotmail.com

Livre docente em Desenho Industrial e titular pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo – USP. Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP

Resumo

Inserido na sequência de investigação mais ampla, esse trabalho procura estudar “os modos de dizer” como reserva epistemológica do comunicar. Dividido em cinco itens, ele discrimina as bases arqueológicas dos “modos de dizer” que sustentam “modos de pensar” geradores de uma dimensão retórica da comunicação e da sua epistemologia. Aquelas bases são comuns às Ciências Humanas, mas, considerando suas consequências comunicativas, propõe-se estudar as decorrências políticas da linguagem ao estarmos em comunicabilidade contínua. Desloca-se a matriz política da comunicação, levando-a a ultrapassar os dispositivos midiáticos e espetaculares que atuam como sedutora forma de poder disciplinador do social, a fim de lhe permitir atingir o comunicar que, disperso e indefinido, encontra-se na rede de processos mais interativos do que mediativos.

Palavras-chave: comunicação, epistemologia, retórica, política.

Abstract

Inserted in a more comprehensive research sequence, the aim of this work is to study “ways of saying” as an epistemological reserve of communicating. Divided into five steps, the work details the archaeological bases for the “ways of saying” that support “ways of thinking” which generate a rhetorical dimension of communication and its epistemology. Such bases are common to the Human Sciences, but considering their communicative consequences, as we are in continuous communicability.

Keywords: communication, epistemology, rhetoric, politics.

1. Como nasce uma ideia?

Essa tem sido a pergunta repetida inúmeras vezes por diferentes cientistas no território epistemológico de áreas científicas distintas da comunicação ou paralelas a ela, tendo em vista a definição de um objeto científico. Como nasce uma ideia pode ser a pergunta que define a epistemologia enquanto domínio que procura perceber o modo como o conhecimento se processa: um conhecimento do conhecimento.

No território da epistemologia da comunicação, essa pergunta tem sido retomada inúmeras vezes em tempos hoje remotos, mas que apontam a distante década de 70 do século XX como fértil momento no qual diversos autores (Jakobson, 1969; Lyotard, 1970; Dubois, Edeline e outros, 1970; Barthes, 1970; Bakhtin, 1981) se voltaram para a necessidade de saber, de desvendar, de reconhecer,

de colher a semente das transformações discursivas que, indo além das simples estruturas da língua, apontavam a linguagem como fator decisivo para definir a natureza da comunicação enquanto área científica.

Em 1969, publicada pela parceria Cultrix/Edusp, surgiu uma obra que se tornou antológica para todos os estudiosos que, àquela época e motivados por distintos objetivos, leram e estudaram os artigos que constituem o célebre volume denominado, à revelia do autor, *Linguística e Comunicação*. No prefácio a essa edição, Isidoro Blikstein não hesita em apontar aqueles artigos como “ensaios nos quais é percuientemente estudada e avaliada a contribuição da Linguística estrutural para a teoria da comunicação” (p. 7) e para outras ciências que, àquela altura, pareciam derivar seus objetos de estudos da estrutura do verbal. Embora distantes no tempo e dos objetivos que, atualmente, estão sendo privilegiados pela Epistemo-

logia da Comunicação, parece prudente voltar atrás, a fim de verificar como podem ter nascido as ideias que hoje nos ocupam.

No âmbito daquele enfoque estruturalista e linguístico que constitui raiz e fundamento da Teoria da Comunicação, um artigo da obra de Jakobson atraiu a atenção: denominava-se Dois Aspectos da Linguagem e Dois Tipos de Afasia. Esse título vinculava diretamente a linguagem aos distúrbios neurológicos da fala e, aparentemente, não tinha maior interesse para uma epistemologia da comunicação; entretanto, naquele artigo, o autor esboça a estrutura de dois conceitos basilares para compreender processos que estruturam as possibilidades comunicativas do ser humano. Trata-se dos conceitos de substituição e associação ou relações de similaridade e contiguidade entre paradigmas que, mais tarde, serão relacionados às célebres associações de linguagem conhecidas como metáfora e metonímia. Sabe-se que essas associações constituem figuras de palavras que conferem à linguagem, sobretudo à poética e à prosa, a dimensão de ornamentos do discurso.

Em 2014 e no GT de Epistemologia da Comunicação, a questão foi retomada em dois trabalhos que apresentavam como título A Comunicação como Metáfora para Compreensão do Social, de Carlos Alberto de Carvalho, e Um Conhecimento Aforístico, de José Luís Braga. Essa retomada não me parece aleatória ou ocasional e muito menos significa que os dois autores estejam interessados em reintroduzir a retórica na atmosfera dos estudos epistemológicos. Também não parece razoável supor que os autores procurem recuperar, na comunicação, o estreito vínculo estruturalista da própria base linguística que está presente quando se estudam os conceitos de Jakobson vinculados às figuras de linguagem. Da leitura desses dois trabalhos surge a ideia desse estudo.

Tanto para Carvalho como para Braga, metáfora ou aforismo, respectivamente, são modos de dizer e de pensar, porém, se Carvalho entende a metáfora como renovação dos “modos de dizer” que não submetem a comunicação aos estudos sociais, mas sugerem a dimensão dialógica que pensa o social vinculado ao território da comunicação, Braga resume seu texto filiando-o mais ao profícuo campo do conhecimento que, na produção de inferências, constitui base para a produção consistente de todas as ciências, entre elas, a comunicação.

Se Carvalho propõe estudar a comunicação como metáfora do social e subjacente à hermenêutica, Braga entende aforismos como estratégia de conhecimento a partir de inferências. Se o primeiro procura bases explicativas para a relação dialógica que se estende da comunicação ao social ou vice-versa, o segundo procura, através dos aforismos, entender o germe dos processos inferenciais. Nesse sentido, os dois autores se aproximam, pois procuram raízes epistemológicas da comunicação, mas se afastam quando se entende, no primeiro caso, a epistemologia

como algo que deve patrocinar dimensões explicativas e, no segundo, como conhecimento em constante processo inferencial. Se o primeiro trabalho procura sedimentar o conhecimento, o segundo o transforma em movimento. Mas, se entendermos a epistemologia como tentativa de estudo da forma como se conhece, impõe-se considerar a relevância dos três textos mencionados para propor uma epistemologia da comunicação.

2. Pensar é achar uma metáfora

O cientista cognitivo Steven Pinker, ao estudar as metáforas cognitivas que denomina “conceituais”, estabelece uma curiosa relação entre o modo de dizer metafórico e o modo de pensar inferencial e, curiosamente, estabelece clara relação entre a metáfora e o conhecimento que a distancia do simples ornamento retórico e a aproxima da inferência aforística e, sobretudo, da base cognitiva que caracteriza a epistemologia:

A inteligência humana, com sua capacidade de pensar um número ilimitado de pensamentos abstratos, evoluiu a partir de circuitos primatas a novos domínios através da abstração metafórica. As pessoas discordam entre si porque enquadraram um problema com metáforas diferentes que usam sem perceber. Uma crítica literária linguisticamente bem informada é a chave para solucionar conflitos e frustrações da psicoterapia e do direito à filosofia e à política. Pode chamar essa teoria de messiânica. Ela se baseia na ideia de que PENSAR É ACHAR UMA METÁFORA – a metáfora da metáfora (Pinker, 2008, p. 275).

Se pensar é achar uma metáfora, comunicar é achar um modo de dizer, mas, considerando os casos citados no item anterior, estamos ante uma falácia, pois os modos de dizer não se restringem às figuras ornamentais da linguagem, ao contrário, supõem produção de inferências que procuram resgatar, de modo hermenêutico, a comunicação constituída ou, de modo heurístico, novas e apenas possíveis tonalidades comunicativas que repousam em uma intencionalidade que agita, interpela ou desafia as relações humanas. Ou seja, os modos de dizer tratam das relações entre os seres humanos através da comunicação dos modos de expressão enquanto passado hermenêutico ou como futuro apenas possível e intencional, e suas dimensões concretas dependem dos processos que norteiam a recepção comunicativa e a heurística inferencial.

Nos textos que atuam como roteiro desse trabalho, encontramos uma constante que entende os “modos de dizer” como ferramenta elocutiva e, não raro, persuasiva. Se, no caso de Carvalho, a “metáfora como elucidação do social” constitui mapa ou roteiro de um percurso comunica-

tivo sujeito às dúvidas inerentes ao próprio processo do comunicar, no caso de Braga, o aforismo é vigilante credencial do processo heurístico, mas ameaçado pela necessidade de certeza, que se confunde com a máxima de tonalidade moral ou com o código que prescreve e determina. Nos dois casos, observa-se que modos de dizer são tramas travestidas em paradoxos, que têm em vista o controle das relações humanas e dos modos de pensar, para transformá-los em negociação entre aquilo que a comunicação institui e consagra e o que propõe como vaga inferência.

3. Comunicar é achar um modo de dizer

Embora não nos comuniquemos apenas através de palavras, mas através de meios técnicos sempre apoiados em estímulos sensíveis que recuperam imagens, visualidades, sons, gestos, odores e paladares, a comunicação exige uma matriz significativa, ou seja, estamos em comunicabilidade que se concretiza no modo, veículo ou meio através dos quais nos comunicamos. Essa dimensão concreta circunscreve a necessidade absoluta de uma matriz significativa da comunicação enraizada na experiência sensível e corpórea. Aprende-se a manipular metáforas e aforismos e suas raízes hermenêuticas ou heurísticas. Essa aprendizagem se torna um tema epistemológico, quando entendemos que a comunicação se realiza entre fronteiras cognitivas que definem as características da área.

Desse modo, ela não apresenta limites claros e horizontais dos territórios que definiriam sua dimensão científica e também não se apoia na força de um objeto que, na produção de conhecimento, apresentaria uma garantia que nos permite distinguir a comunicação das relações sociais ou daquela presente na filosofia ou em outros sistemas do conhecimento. Os significantes da comunicação carecem de objetividade, mas não são aqueles que decorrem da linguística, mesmo quando seu meio ou veículo se prende ao verbal. Essa falta de precisão nos levaria a pensar que aqueles “modos de dizer” carecem de elocução, não falam e não merecem consideração epistemológica. Esse trabalho procura estudar as causas pelas quais os “modos de dizer” não são significantes vazios ou sem significado (Laclau, 2011, p. 76), mas, ao contrário, apresentam expressivo interesse epistemológico.

4. A comunicação não é um significante vazio

Textos recentes de alguns autores chamam a atenção para a relação que se estabelece entre política, retórica e epistemologia da comunicação e constituem outra e nova semente para esse trabalho. Na definição das bases associativas que constroem a célebre teoria do ator-rede, Latour afirma:

*En affirmant que la sociologie critique a confondu la science et la politique, la dernière chose que je souhaite est évidemment de revenir à la séparation classique de la politique et de l'épistémologie [...] Toutefois, l'opposition entre une science détachée, désintéressée et objective, et une action engagée, militante et passionnée perd tout son sens dès que l'on considère le formidable pouvoir de **collecte** de toute discipline scientifique (Latour, 2007, p. 365/366).¹*

Como Latour, Ernesto Laclau (2010, 2011) e Chantal Mouffe (1996), dedicando-se ao estudo dos obstáculos epistemológicos que têm impedido a compreensão da nova lógica social do mundo contemporâneo, apontam para outras bases cognitivas que surgem como “modos de pensar”:

Es solamente cuando el carácter abierto, no saturado de lo social es plenamente aceptado, cuando se renuncia al esencialismo tanto de la totalidad como de los elementos, que estas potencialidades se hacen plenamente visibles y que la “hegemonía” puede pasar a constituir una herramienta fundamental para el análisis político de la izquierda. [...] Estas condiciones surgen originariamente en el campo de lo que hemos denominado como “revolución democrática”, pero solo son maximizadas en todos sus efectos deconstructivos en el proyecto de su democracia radicalizada, es decir, de una forma de la política que no se funda en la afirmación dogmática de ninguna “esencia de lo social”, sino, por el contrario, en la contingencia y ambigüedad de toda “esencia”, en el carácter constitutivo de la división social y del antagonismo (Laclau e Mouffe, 2010, p. 239).²

Embora longas, essas citações pontuam aquilo que nos ocupa quando refletimos sobre a comunicação enquanto área científica. É possível pensar que as “formas de dizer”

1 “Afirmando que a sociologia crítica confundiu a ciência e a política, a última coisa que desejo é evidentemente voltar à separação clássica entre política e epistemologia [...] Todavia, a oposição entre uma ciência livre, desinteressada e objetiva e uma ação engajada, militante e apaixonada perde todo seu sentido quando se considera o formidável poder de *colheita (empírica)* de toda disciplina científica” (Latour, 2007, p. 365-366).

2 “É somente quando o caráter aberto, não saturado do social é plenamente aceito, quando se renuncia ao essencialismo tanto da totalidade como dos elementos, que essas potencialidades se fazem plenamente visíveis e a ‘hegemonia’ pode passar a constituir uma ferramenta fundamental para a análise política da esquerda. [...] Essas condições surgem originariamente no campo do que temos denominado como ‘revolução democrática’, porém só são maximizadas em todos os seus efeitos deconstructivos no projeto de sua democracia radical, isto é, de uma forma de política que não se funda na afirmação dogmática de nenhuma ‘essência do social’, mas, ao contrário, na contingência e ambigüidade de toda ‘essência’, no caráter constitutivo da divisão social e do antagonismo” (Laclau e Mouffe, 2010, p. 239).

são vazias, porque desprovidas de significado comunicativo que tende a enquadrar ou esconder um significado que está além delas. Porém, aquelas formas são transmitidas através de aparatos ou dispositivos técnicos ou tecnológicos que, diretamente, nada teriam a ver com modos de dizer ou de pensar, mas, paradoxalmente, acabam por constituir o próprio significado da comunicação: entendemos o sentido da comunicação pelo modo como nos comunicamos. Esse modo de dizer se transforma, portanto, em elemento básico para a epistemologia da comunicação, ou seja, os meios técnicos e seus dispositivos passam a constituir formas de dizer e substituem formas de pensar. Essa afirmação exige ser detalhada.

No contorno daqueles significantes, surge não só o verbal, mas o apelo de múltiplos e distintos estímulos sensíveis que, dos meios de comunicação de massa ao digital, apresentam grande apelo visual, mas não podem prescindir dos demais sentidos do corpo que atuam como fortes elementos veiculadores e constituem os significantes da comunicação que submetem a linguagem às próprias contingências tecnológicas dos veículos, reduzindo suas camadas significantes, que, em si próprias, passam a ser vazias de sentido.

Aí está a indefinição da comunicação como área científica. A redução da epistemologia da comunicação à discriminação das configurações da linguagem dos veículos técnicos a limita a um significante vazio, hegemônico como meio tecnológico.

O significado da comunicação está situado exatamente na sua radical impossibilidade de totalizações que, entendidas de modo hegemônico, constituiriam um objeto seguro, mas reduzido, se considerarmos aquilo que deve ser próprio a ela enquanto produção de conhecimento. Os modos de dizer podem tentar preencher aquele vazio, mas não são suficientes para atingir a identidade que se procura, quando se requer a dimensão de uma ciência não totalizante. Os “modos de dizer” permanecem como os significantes que tornam visível o modo como se comunica, mas deixam de considerar a força dos vínculos que nos colocam em comunicabilidade, sem restrições de tempos, lugares ou tecnologias.

5. O lugar improvável do comunicar

Desde Jakobson, parece claro que os “modos de dizer” apresentam duas rotas: diz-se por associação ou por substituição, por contiguidade ou por similaridade, e ambas fluem para uma dimensão expressiva: são “modos de dizer” que se consolidam nas figuras conhecidas como metáfora e metonímia. Porém, nos dois casos, não se trata das tradicionais figuras de linguagem, mas de modos de pensar que confluem para a pergunta central: como se comunica?

Embora o comunicar não possa prescindir de um “modo de dizer”, vai muito além de simples figuras de linguagem submissas a uma estratégia associativa de natureza simétrica enquanto figuras ou ornamentos da linguagem de caráter redutor:

La rhétorique est triomphante: elle regne sur l'enseignement. La rhétorique est moribonde: restreinte a ce secteur, elle tombe peu à peu dans un grand discrédit intellectuel. Ce discrédit est amené par la promotion d'une valeur nouvelle, l'évidence (des faits, des idées, des sentiments) qui se suffit a elle-même et se passe du langage (ou croit s'en passer) ou du moins prétend ne plus s'en servir que comme d'un instrument, d'une médiation, d'une expression (Barthes, 1970, p. 192).³

A citação deixa evidente aquele caráter das associações como simples “modos de dizer”; ao contrário, como “modos de pensar” aqueles processos têm encontrado eco em outro enfoque epistemológico que supera o caráter monolítico das classificações retóricas, para tornar evidente que, sob as figuras de linguagem, subjaz uma forma de conhecimento plural e múltiplo que orienta a comunicação para a esfera dialógica que a faz repensar suas manifestações reduzidas a simples transmissão de mensagem através de meios técnicos.

Dos domínios da filosofia política, Laclau migra para os estudos da linguagem e da retórica, a fim de perceber as dimensões cognitivas que se apresentam no discurso político. Em obra publicada em 2014, aquele autor desenvolve a pesquisa sobre a política hegemônica da estratégia socialista e se apoia em ensaios de Gérard Genette, que, estudando os clássicos exemplos metafóricos de Proust, recupera os paradigmas propostos por Jakobson que estabelecem as diferenças entre metáfora e metonímia. Entretanto, Laclau observa que aqueles limites classificatórios acabam por estabelecer, entre as duas figuras, uma oposição que não apresenta sustentação lógica. Ao contrário, entre metáfora e metonímia temos uma continuidade de natureza ontológica:

The great merit of Jakobson's analysis is to have brought rhetorical categories to their specific location within linguistic structure – that is, to have shown that it is the latter that is at root of all figural movements. Metaphor and metonymy, in that sense, are not just some figures

³ “A retórica é triunfante: ela reina no ensino. A retórica está moribunda: restrita a esse setor, ela cai, pouco a pouco, em grande descrédito intelectual. Esse descrédito decorre da promoção de um novo valor, a evidência (dos fatos, das ideias, dos sentimentos) que se basta a si mesma e supera a linguagem (ou acredita superar) ou ao menos pretende não se servir dela senão como um instrumento, uma mediação, uma expressão” (Barthes, 1970, p. 192).

among many, but the two fundamental matrices around which all other figures and tropes should be ordered [...] A conclusion can be drawn here that will be important for my political analysis: contiguity and analogy are not essentially different from each other, but the two poles of a continuum (Laclau, 2014, p. 60, 62).⁴

No âmbito de uma ontologia do contínuo, observa-se que entre aqueles “modos de dizer” não se justifica, propriamente, uma classificação que estabeleça limites entre similaridade ou contiguidade, mas, ao contrário, observa-se que metáfora e metonímia revelam tendências cognitivas que se expandem, de uma para outra:

[...] ces evaluations contradictoires montrent bien l'ambiguïté actuelle du phénomène rhétorique: objet prestigieux d'intelligence et de pénétration, système grandiose que toute une civilisation, dans son ampleur extrême, a mis au point pour classer, c'est-à-dire pour penser son langage, instrument de pouvoir, lieu de conflits historiques dont la lecture est passionnante si précisément on replace cet objet dans l'histoire multiple ou il s'est développé; mais aussi objet idéologique, tombant dans l'idéologie par l'avancée de cet "autre chose" qui l'a remplacé, et obligeant aujourd'hui à une indispensable distance critique (Barthes, 1970, p. 195).⁵

Entre as observações de Barthes e Laclau, observa-se que, do território fortemente influenciado pelo estruturalismo da linguagem ao estudo da biopolítica estratégica, surge a indispensável necessidade de distância crítica que pode levar ao desenvolvimento da capacidade de observar a comunicação como algo que está além dos simples “modos de dizer” ou, mais exatamente, algo que remete a um modo de pensar. Sob o domínio daquele contínuo cognitivo entre metonímia e metáfora, subjaz uma estratégia política fundamental. Apoiando-se nas multiplicidades

4 “O grande mérito da análise de Jakobson é ter trazido as categorias retóricas para seu lugar específico dentro da estrutura linguística – isto é, ter mostrado que esta última está na raiz de todos os movimentos figurativos. Nesse sentido, metáfora e metonímia não são apenas figuras entre muitas outras, mas as duas fundamentais matrizes em torno das quais todas as outras figuras e tropos podem ser ordenados [...] Pode-se extrair uma conclusão que será importante para minha análise política: contiguidade e analogia não são essencialmente diferentes uma da outra, mas são dois polos de um contínuo” (Laclau, 2014, p. 62).

5 “[...] essas avaliações contraditórias mostram bem a ambiguidade atual do fenômeno retórico: objeto de prestígio e penetração para a inteligência, sistema grandioso para uma civilização que, no seu extremo esplendor, utilizou e pensou sua linguagem como instrumento de poder, lugar de conflitos históricos cuja leitura é apaixonante se, precisamente, substituiu-se esse objeto na história múltipla onde se desenvolveu; mas também objeto que redundava em ideologia pela justaposição com essa ‘outra coisa’ que o substituiu e, hoje, obriga a uma indispensável distância crítica” (Barthes, 1970, p. 175).

interativas e suas modalidades, a comunicação é permeada “pela luta, trazendo a reboque, na sua constituição e organização, o confronto entre forças sociais e políticas” (Lazzarato, 2006, p. 157).

Sem pretender reinaugurar uma polaridade entre as anteriores figuras de palavras, supera-se a classificação ou a tendência taxonômica para observar que, por sob os “modos de dizer”, encontra-se um pensar ideológico e policomunicativo que deixa evidentes as tendências estratégicas que subjazem a todas as classificações. Desse modo, impõe-se considerar que toda comunicação envolve mediação e interação em processos contínuos e, nos dois casos, estamos ante a possibilidade de traçar quadros políticos distintos, mas intercomunicativos.

Aquela taxonomia classificatória opera com uma simetria entre metáfora e metonímia enquanto figuras de linguagem, porém ambas se hierarquizam, para apontar a primeira como figura matricial da retórica e gênese da poética enquanto estilo primordial dos “modos de dizer”. Ao contrário e superando qualquer pensamento monolítico, é urgente observar que, entre metáfora e metonímia, se coloca a percepção que nos leva a considerar que, se a metáfora reduz um “modo de dizer” à estática figuração estilística, a metonímia nos leva a observar o contexto que a justifica e do qual emerge seu “modo de dizer”; ou seja, no contínuo investigativo e cognitivo que migra da metáfora para a metonímia, é possível flagrar as bases epistemológicas que constituem a arqueologia dos “modos de dizer” enquanto “modos de pensar” apoiados em inferências não programadas. A ocorrência da comunicação supera os “modos de dizer” que qualificam seus veículos e, ao contrário, se expande para estabelecer entre o homem e seu ambiente um contínuo que, como “forma de pensar”, expressa aquela capacidade comunicativa inerente a todos os seres vivos.

Considerar as relações entre o homem e seu ambiente exige admitir que o segundo é o território comunicativo onde o homem encontra seu lugar, à medida que transforma o meio em alicerce de interatividade. Nesse contínuo, o ambiente é o agente de transformação da comunicação porque, como gerador de informação, é o fator multiplicador de uma base cósmica que expande as características da comunicação da natureza para os homens, dos sentidos para os corpos, dos códigos para as linguagens. Essa multiplicadora capacidade comunicante que constitui a síntese de todos os seres vivos pode conduzir os homens à ação e resistência políticas; passa-se da celebrada metáfora à metonímia como modo de pensar o mundo, através da informação que o expande ambientalmente:

Anticipating what I will discuss presently, we can say that this is inherent to the control political operation that I call

hegemony: the movement from metonymy to metaphor, from contingent articulation to essential belonging. The name – of a social movement, of an ideology, of a political institution – is always the metaphorical crystallization of contents whose analogical links result from concealing the contingent contiguity of their metonymical origins. Conversely, the dissolution of a hegemonic formation involves the reactivation of that contingency: the return from a “sublime” metaphoric fixation to a humble metonymic association (Laclau 2014, p. 63).⁵

No território da epistemologia da comunicação, verifica-se que, não raro, os impactos de mediação tecnológica acabam por gerar um modo visual ou polissensorial de dizer que impacta a atenção e acaba por congelar a comunicação a um controle perceptivo que nos impede de perceber que a comunicação é um território político de base interativa. Cabe à epistemologia elucidar o modo como a comunicação, enquanto área científica, interfere na própria constituição política das transformações sociais. Na ambivalência da hierarquia entre os dois “modos de dizer”, avalia-se a possibilidade de rever a definição da comunicação enquanto área científica.

Entre a epistemologia e o objeto científico da comunicação, observa-se outra definição da sua prática empírica, mais atenta às diferenças do comunicar do que às configurações hegemônicas do meio comunicativo. Desloca-se a matriz política da comunicação a fim de ultrapassar os dispositivos midiáticos que atuam como sedutora forma de poder disciplinador. Afastando-se do espetacular poder de sedução daqueles dispositivos, a comunicação poderá atingir o comunicar que, disperso e indefinido, encontra-se em processos mais interativos do que mediativos.

Nessa revisão sem reduções classificatórias, a comunicação não faz uso da política nem está a serviço das suas estratégias, mas pode propor a construção de uma política que permite rever seu exercício cognitivo, na medida em que leva a perceber que ela é constitutiva da epistemologia que define a comunicação como ciência.

Afastando-se das fixas totalidades explicativas, a dimensão política da epistemologia da comunicação observa os fluxos do dizer e do pensar que, em contínuo, transformam a comunicação em área científica que habita e dialoga com todas as demais áreas das Ciências Humanas. Nesse diálogo, é necessário considerar algumas constantes.

⁵ “Antecipando aquilo que vou debater nesse momento, podemos dizer que é inerente a uma operação política central que chamo ‘hegemonia’ a articulação contingente que define a essência do movimento da metonímia para a metáfora. O nome de movimento social ou ideologia a uma instituição política é sempre a cristalização de um conteúdo através de relações analógicas resultantes do ocultamento da contiguidade contingente de sua origem metonímica. Inversamente, a dissolução dessa formação hegemônica envolve a reativação da contingência; o retorno da sublime fixação metafórica para a humilde associação metonímica” (Laclau, 2014, p. 63).

Supera-se o caráter transmissivo de uma comunicação instrumental alinhada aos efeitos a atingir, submissos aos modelos que garantem a eficiência daquela transmissão e reduzem a comunicação a simples instrumento que percorre interesses que se reduzem ao entretenimento.

Antitransmissiva, a comunicação deve optar por uma identidade que não rotule ou destaque um território científico, ao contrário, a comunicação está em todos os territórios que com ela se relacionam, embora estabelecendo, entre todos eles, diferenças ou dificuldades de identificação. Desse modo, não parece adequado falar em filosofia, sociologia ou psicologia que atuam como ancoradouros teóricos e metodológicos para a comunicação; ao contrário, exige-se pensar que a comunicação está em diálogo com aquelas ciências, emprestando-lhes uma complexidade que transforma o cenário daquelas disciplinas, apontando-lhes outros objetos científicos: desse modo, é possível falar em comunicação filosófica, sociológica ou psicológica. Essas designações não são simples eufemismos, mas indiciam que a comunicação participa daquelas áreas de conhecimento, apresentando-lhes outras dimensões científicas. Porém, não se cogita pensar que a comunicação absorve, daquelas áreas, suas teorias e métodos, ao contrário, oferece-lhes outros e mais complexos objetos.

Enquanto “modo de dizer” metafórico ou aforístico, a epistemologia da comunicação não pode esquecer a extensão sensível do modo como aparece, é percebida e se faz presente. Esses “modos de dizer” decorrem de uma configuração semiótica cada vez mais presente e vital, quanto mais as tecnologias dos meios contribuem para expandir aqueles modos de dizer, tornando-os polissensíveis e não apenas verbais ou visuais. Como significante que se apresenta em processo contínuo de semiose, aquela base metafórica exige ser considerada na sua relação metonímica com o contexto e ambiente que designa e dos quais emerge. Nesse sentido, os modos de dizer se expandem em modos de pensar como retórica contínua que hibridiza metáforas e metonímias, comunicação e interações, comportamentos e valores, ciência e inferência, política e ação, reações e resistências.

O reconhecimento da lógica metonímica que se configura nas metáforas dos modos de dizer permite traçar o percurso de um exercício político da comunicação que nada transmite, mas pode apresentar-se como antagonista ou responsável pelos conflitos sociais e cognitivos que ela própria instaura, através dos seus modos de emissão e de dizer.

Mais uma vez, parece necessário retomar a questão: para que serve a comunicação? Entretanto, a resposta a essa questão não se submete aos efeitos dos processos de emissão e não apresenta caráter instrumental a serviço de um plano ou objetivo prefixados; ao contrário, é de natureza receptiva e política, voltando-se para o inalienável papel social da comunicação. O “como se comunica” redundante em saber o papel político que, comunicante, é inerente ao cenário cultural e social contemporâneo.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. 1981. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo, Hucitec.
- BARTHES, Roland. 1970. L'Ancienne Rhétorique. In: *Communications*, Paris, Seuil, vol. 16, p. 172-237.
- BRAGA, José Luis. 2014. Um conhecimento aforístico. In: *Anais do XXIII Compós*, Belém.
- CARVALHO, Carlos Alberto. 2014. A comunicação como metáfora para a compreensão do social. In: *Anais do XXIII Compós*, Belém.
- DUBOIS; EDELINE; KLINKENBERG; MINGUET; PIRE; TRINON. 1970. *Rhétorique Générale*. Paris, Larousse.
- JAKOBSON, Roman. 1969. *Linguística e Comunicação*. São Paulo, Cultrix/Edusp.
- LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. 2010. *Hegemonía y estrategia socialista*. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica.
- LACLAU, Ernesto. 2011. *Debates y combates por un nuevo horizonte de la política*. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica.
- LACLAU, Ernesto. 2014. *The Rhetorical Foundations of Society*. London, Verso.
- LATOUR, Bruno. 2007. *Changer de société, refaire de la sociologie*. Paris, La Découverte Poche.
- LAZZARATO, Maurizio. 2006. *As revoluções do capitalismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- LYOTARD, Jean François. 1970. *Discours, figure*. Paris, Klincksieck.
- MOUFFE, Chantal. 1996. *O regresso do político: trajectos*. Lisboa, Gradiva.
- PINKER, Steven. 2008. *Do que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza humana*. São Paulo, Companhia das Letras.

Artigo submetido em 01-02-2016

Aceito em 23-05-2016